

CONTEÚDOS DO 9º ANO – 1º/2º BIMESTRE 2015 – TRABALHO DE DEPENDÊNCIA

Nome: _____ N.º: _____

Turma: _____ Professor(a): Monique Data: ____/____/2015

Unidade: Cascadura Mananciais Méier Taquara

Resultado / Rubrica

Valor Total 10,0 pontos

INSTRUÇÕES

- ★ Desenvolva seu trabalho apenas com **caneta** azul ou preta.
- ★ Preencha corretamente o cabeçalho e entregue esta folha junto com a resolução do trabalho.
- ★ Fique atento ao prazo de entrega.
- ★ Leia o que está sendo solicitado, desenvolva seu trabalho calmamente e releia-o antes de entregá-lo.
- ★ Não utilize corretivos (*liquid paper*). Faça um rascunho e depois passe a limpo seu trabalho.

INSTRUÇÕES

- **AS QUESTÕES OBRIGATORIAMENTE DEVEM SER ENTREGUES EM UMA FOLHA À PARTE COM ESTA EM ANEXO.**

CONTEÚDOS DO 9º ANO – 1º/2º BIMESTRE

- Interpretação Textual
- Conto
- Resumo
- Resenha
- Texto de divulgação científica - Artigo

Texto I

O menino que escrevia versos

Mia Couto

*De que vale ter voz
se só quando não falo é que me entendem?
De que vale acordar
se o que vivo é menos do que o que sonhei?
(VERSOS DO MENINO QUE FAZIA VERSOS)*

— *Ele escreve versos!*

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

— *Há antecedentes na família?*

— *Desculpe doutor?*

O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

— *Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.*

Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua-de-mel. Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.

Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.



— *São meus versos, sim.*

O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

— *O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte elétrica.*

Quería tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

— *Dói-te alguma coisa?*

— *Dói-me a vida, doutor.*

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: Está a ver, doutor? Está ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

— *E o que fazes quando te assaltam essas dores?*

— *O que melhor sei fazer, excelência.*

— *E o que é?*

— *É sonhar.*

Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, por quê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

— *Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.*

A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

— *Não continuas a escrever?*

— *Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida* — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

— *Não temos dinheiro* — fungou a mãe entre soluços.

— *Não importa* — respondeu o doutor.

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— *Não pare, meu filho. Continue lendo...*

Mia Couto nasceu na Beira, em Moçambique, em 1955. Foi jornalista e atualmente é professor e biólogo. É sócio correspondente, eleito em 1998, da Academia Brasileira de Letras, sendo sexto ocupante da cadeira 5, que tem por patrono Dom Francisco de Sousa. Como biólogo, dirige a Avaliações de Impacto Ambiental, IMPACTO Lda., empresa que faz estudos de impacto ambiental, em Moçambique. Mia Couto tem realizado pesquisas em diversas áreas, concentrando-se na gestão de zonas costeiras. Além disso, é professor da cadeira de ecologia em diversos cursos da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

- 1) O texto I pertence ao género textual "conto". O que o caracteriza como tal? (0.5)
- 2) O conto é um texto classificado como um texto narrativo. Justifique essa afirmativa, apresentando trechos do texto I para exemplificação. (0.5)

- 3) Destaque cada um dos elementos da narrativa no texto I. (0.5)
- 4) Na questão anterior, você assinalou, dentre outras coisas, o tipo de narrador do conto em análise. Justifique por que é esse tipo de narrador. (0.5)
- 5) O discurso no conto, como em qualquer texto do tipo narrativo, pode apresentar-se sob três formas: Discurso Direto, Discurso Indireto e Discurso Indireto Livre. No texto I é possível encontrar os três tipos de discurso.
 - a. Retire do texto trechos que exemplifiquem cada um dos tipos de discurso. (0.3)
 - b. A partir dos exemplos destacados por você, conceitue Discurso Direto, Discurso Indireto e Discurso Indireto Livre. (0.2)
- 6) Como já se sabe, toda língua apresenta variações, devido a diversos fatores, como idade, sexo, nível de escolaridade e situação socioeconômica dos falantes, região geográfica, momento histórico, situação comunicativa, dentre outros.

Uma das variações de mais fácil identificação é a que aparece no nível lexical, ou seja, a língua pode apresentar palavras diferentes para nomear o mesmo objeto ou fenômeno. Isso se dá muito frequentemente de acordo com a região geográfica. E essas variações podem ocorrer de país para país, mas também dentro de um único país. Por exemplo, o que no Sul e Sudeste do Brasil costuma-se chamar de *grampo*, em Londrina chama-se de *ramona*. De um país para outro, vê-se, por exemplo, *banheiro* no Brasil e *casa de banho* em Portugal ou *favela* no Brasil e *musseque* na Angola e Moçambique.

No quadro informacional, logo abaixo do texto I, observa-se que Mia Couto, o autor do texto, é moçambicano, o que justifica as diferenças lexicais que podemos encontrar no texto. Algumas palavras usadas pelo autor não são comuns no nosso uso cotidiano da língua.

Faça um levantamento dessas palavras, no texto, que não são comuns no português do Brasil e pesquise seus significados. (0.5)

- 7) Qual é a problemática apresentada no conto em análise? (0.5)
- 8) O menino, personagem principal da narrativa, é como se fosse um estranho na própria família, ou seja, suas características pessoais destoam dos outros membros da família. Justifique essa afirmativa. (0.5)
- 9) A partir da observação dos hábitos e costumes de uma pessoa é possível perceber suas características pessoais. Baseado nas informações que o conto traz, faça uma descrição do pai e da mãe do menino. (0.5)
- 10) "O médico destrocou-se em tintins.". Explique o significado dessa frase, de acordo com o contexto no qual se insere. (0.5)
- 11) "O pai da criança, **mecânico de nascença** e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página." A expressão "mecânico de nascença", nesse contexto, não significa exatamente que o pai do menino já nasceu literalmente mecânico. O que significa, então? (0.5)

12) — *O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte elétrica.*

Quería tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira."

Nessa passagem, o pai do menino usa palavras que não são do campo da medicina para descrever procedimentos médicos, o que pode ser percebido ao longo de todo o texto, em situações diversas.

- a. A que campo pertencem essas palavras? (0.15)
 - b. Retire do texto outro exemplo em que isso ocorre. (0.15)
 - c. Relacione a escolha de tais palavras à atividade do pai do menino. (0.2)
- 13) — *Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida* — disse, apontando um novo caderninho"

A partir da compreensão do trecho acima e da leitura do conto como um todo, explique a importância da escrita para o menino. (0.5)

14) — *Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.*”. Essa fala do médico demonstra certa opinião dele em relação ao menino.

a. Que opinião é essa? (0.2)

b. O médico mantém essa opinião ao final do conto? Explique. (0.3)

Texto II

A Importância do Ato de Escrever no Ensino de Língua Portuguesa

A importância da leitura para aquele que escreve

Cíntia Barreto

Não é de hoje que encontramos pessoas com dificuldade de passar para o papel as suas ideias a respeito de algo, porque não têm informação suficiente sobre aquele assunto específico. Por outro lado, também é raro encontrar essas mesmas pessoas lendo uma obra poética, de ficção, um jornal, uma revista, etc. O que todos têm que entender é que a leitura é a base para a boa escrita e não só se deve ler para escrever algo, mas se deve ler para enriquecer-se culturalmente. Deve-se ler pelo prazer de dialogar com outros que já leram outros que leram outros.

Um escritor precisa ler para observar e absorver o que foi lido. Um escritor precisa ler para se enriquecer culturalmente. Não há um bom escritor que não seja um leitor voraz com fome de informação, com fome de formação. Um escritor precisa ler bons textos para escrever bons textos. Um bom escritor é sempre um bom leitor.

Nesse sentido, sem a prática da leitura, a dissertação, por exemplo, pode não apresentar argumentos palpáveis, não alimentando de maneira persuasiva o receptor do texto elaborado. A leitura, por sua vez, tem a função também de organizar as informações adquiridas ao longo dos anos. À medida que se lê, um mundo de magia e conhecimento, de informações e ritmos, de certezas e possibilidades se revela àquele que tem, nas mãos e nos olhos, a chave do tesouro a ser descoberto. A leitura é necessária e, assim como a arte, tem inúmeras atribuições.

Por outro lado, antes de se buscar a leitura, faz-se mister escolher bem o texto a ser lido, pois para que "o leitor se informe é necessário que haja entendimento daquilo que ele lê" (FAULSTICH, 2002, p. 13) . Assim, a inteligibilidade textual é imprescindível ao leitor; caso contrário, ele não conseguirá absorver as informações necessárias à elaboração do seu próprio texto.

Dito isso, o próximo passo a ser tomado é fazer uma leitura crítica. Ler criticamente é, sobretudo, ler cuidadosamente separando o joio do trigo ou retirando as ervas daninhas do florido mundo das letras.

Escrever não é essencial apenas a intelectuais, escritores, jornalistas, advogados ou professores de português. A escrita como meio de comunicação é para todos e é questão bem definida e planejada em vários concursos públicos e vestibulares de maneira geral.

Escrever é uma prática social que consiste, em boa medida, em escrever contra, sobre, a favor, ou, mais simplesmente, a partir de outros textos. Não há escrita sem polêmica, retomada, citação, alusão etc. Ninguém escreve a partir do nada, ou a partir de si mesmo.

Na verdade, escreve mal aquele que não tem o que dizer porque não aprendeu a organizar seu pensamento. Àquele que não tem o que dizer de nada adianta o domínio das regras gramaticais, muito menos saber selecionar as palavras para cada ocasião. Faltarão a esse sempre o conteúdo, o recheio.

Dessa forma, antes de escrever é preciso refletir, e o melhor estímulo para a reflexão é a leitura, é ler o que outros já escreveram a respeito do que leram de outros e assim sucessivamente, pois a escrita está sempre impregnada de outras escritas, ou seja, a leitura é diálogo direto ou indireto com outras leituras. A leitura é um diálogo velado com o outro.

Para Harold Bloom, o sujeito que pretende desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais necessita ler por iniciativa própria. Não ler apenas por conveniência. Não ler apenas livros técnicos, pertinentes ao seu campo de atuação, ou ler por indicação de outrem, mas, acima de tudo, ler por prazer, por desejo próprio de se divertir ou de conhecer algo.

A informação, nos dias de hoje, é facilmente encontrada, pois aumentaram sensivelmente os canais de comunicação. Além do jornal, da revista, do livro, da televisão, do telefone, do rádio, do fax, do telegrama, temos agora o e-mail, a Web (com seus pontos positivos e negativos, proporciona um fluxo ininterrupto de informações disponíveis em qualquer ponto do mundo) a videoconferência e a telefonia celular entre outros. Em contrapartida, discernir o que deve ser absorvido e o que deve ser deletado ficou mais complicado depois da internet. Cabe ao leitor transformar informação em conhecimento, lendo de forma crítica e cuidadosa, pois como diz Harold Bloom:

Uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal. Considero aqui a leitura como hábito pessoal, e não como prática educativa. A maneira como lemos hoje, quando o fazemos sozinhos, manifesta uma relação contínua com o passado, a despeito da leitura atualmente praticada nas academias. Meu leitor ideal (e herói preferido) é Samuel Johnson, que bem conhecia e tão bem expressou as vantagens e desvantagens da leitura constante. Conforme qualquer outra atividade mental, a leitura, para Johnson, devia atender a uma preocupação central, ou seja, algo que "nos diz respeito, e que nos é útil". Sr. Francis Bacon, gestor de algumas das idéias postas em prática por Johnson, ofereceu o célebre conselho: "Não leia com o intuito de contradizer ou refutar, nem para acreditar ou concordar, tampouco para ter o que conversar, mas para refletir e avaliar". A Bacon e Johnson eu acrescentaria um terceiro sábio da leitura, inimigo ferrenho da História e de todos os Historicismos, Emerson, que afirmou: "Os melhores livros levam-nos à convicção de que a natureza que escreveu é a mesma que lê". Proponho uma fusão de Bacon, Johnson e Emerson, uma fórmula de leitura: encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser utilizado como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa, e que seja livre da tirania do tempo. (2001, p. 17-8)

A leitura deve ser útil, deve aproximar aquele que lê daquele que escreve e deve propiciar, antes de qualquer coisa, a reflexão.

No ensino de língua portuguesa, ao se tratar de produção de texto devemos automaticamente pensar em leitura. No ambiente acadêmico, as exigências textuais circundam o tipo textual argumentativo, principalmente sob a forma do gênero "dissertação".

Para expor as ideias ou para convencer alguém, é preciso conhecer o assunto tratado, uma vez que, ninguém consegue escrever bem, se não conhece o que vai escrever. É preciso, antes de qualquer movimento, conhecer profundamente o objeto de reflexão. Para escrever, assim, a respeito de qualquer assunto, é necessário, antes, ler e refletir, procurando argumentos que serão apresentados como elementos de sustentação temático-textual.

Para Mattoso Câmara, "qualquer um de nós senhor de um assunto é, em princípio, capaz de escrever sobre ele. Não há um jeito especial para a redação, ao contrário do que muita gente pensa. Há apenas uma falta de preparação inicial, que o esforço e a prática vencem". (Mattoso, 2001, p.61)

Essa falta de preparação inicial que Mattoso cita, decorre da ausência, muitas vezes, de conhecimento da estrutura do texto a ser elaborado, de elementos substanciais à inteligibilidade textual e da carência de leitura. Na verdade, a prática da leitura é parte fundamental no processo de elaboração de um texto. Mattoso Câmara também se referiu a esse aspecto textual:

A arte de escrever precisa assentar, analogamente, numa atividade preliminar já radicada, que parte do ensino escolar e de um hábito de leitura inteligentemente conduzido; depende muito, portanto, de nós mesmos, de uma disciplina mental adquirida pela autocrítica e pela observação cuidadosa do que outros com bom resultado escreveram. (2001, p.61)

Portanto, há de se reforçar o que Othon Moacyr Garcia disse: "aprender a escrever é aprender a pensar". Pode-se completar essa afirmativa com a idéia de que para se pensar, ou melhor, refletir a respeito de algo, é preciso conhecer a temática a ser abordada e, para se ter conhecimento, nada melhor que ler o que outros já disseram sobre o assunto.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. *Aula*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. *O prazer do texto*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 15. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 3. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

PRADO, J. & CONDINI, P. (Orgs.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 71-3

SOARES, Magda Becker & CAMPOS, Edson Nascimento. *Técnica de redação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A - Indústria e Comércio, 1979.

http://www.cintiarbarreto.com.br/artigos/aimportanciadoatodeescrever_02.shtml (Adaptado)

15) O texto II pertence ao gênero textual "artigo", que é um tipo de texto de divulgação científica.

a. A partir da leitura do texto II explique a finalidade e a importância de um texto de divulgação científica. (0.1)

b. O texto de divulgação científica apresenta uma estrutura específica, com elementos característicos. Pontue que elementos são esses, destacando do texto II trechos que exemplifiquem cada um. (0.1)

- c. Qual é o tema de que trata o artigo em análise, ou seja, qual é o conhecimento ou saber científico divulgado pelo texto? (0.2)
- d. A autora do texto II estabelece claramente uma relação entre escrita e leitura. Explique tal relação. (0.1)
- 16) Explique de que maneira os textos I e II relacionam-se. (0.5)
- 17) PRODUÇÃO TEXTUAL I (1.0)
Elabore um **resumo** do texto I.
- 18) PRODUÇÃO TEXTUAL II (1.0)
Elabore uma **resenha (crítica)** do texto II.